



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

Preparativos carnavalescos



Na toilette :

— Vamos a ver se com esta mascara não me conhecem..



PALESTRA AMENA

"Honni soit..."

Consultou-nos ha dias um nosso amigo, o «P», folgassão incorregivel, apesar de ter mulher e oito filhos, entre machos e femeas a sustentar e de só ter o ord nado de 2.º oficial d'um qualquer ministerio, sobre o fato com que este ano se ha-de mascarar, para ir aos bailes dos teatros, porque sem esse pratinho é que não passa: é n'essa ocasião que desabafa, sem receio, que chama pulha a quem vê no baile bem vestido e bem nutrido, que descompõe as mulheres bonitas, por não lhes poder chegar, que discursa no meio da turba contra o chefe da sua repartição e todos os outros superiores, que o obriga a trabalhar como um moiro — no tempo em que os moiros trabalhavam. E como notasse a nossa hesitação em nos pronunciarmos, disse:

— Quería um fato que ficasse baratinho... Manda-lo fazer, não posso... Aluga-lo, também não...

Alvitramos, timidamente:

— Não tens lá por casa um fato teu, velho?

— Não; o velho que tenho é este e não tenho nenhum mais, nem novo, nem velho.

Lembrámos:

— Porque não vestes um fato de mulher? Não digo de tuas filhas, porque não te serviria, mas de tua esposa que é alta e magra como tu?

— Magros somos nós todos lá em casa. Mas para eu vestir um fato de minha mulher, não podia ela sair, porque também tem só um...

— Achei!

— Ainda bem, homem!

— Uma camisa de tua mulher. Ficavas engraçadissimo...

Quedou-se alguns momentos silencioso; julgámos perceber e dissemos, sorrindo:

— Tua esposa tem só uma camisa, hein?

— Não tem nenhuma, confessou ele, envergonhado.

Ficámos tão envergonhados como ele e não soubemos, com franqueza, como havíamos de resolver a dificuldade. Parecen-nos apenas conveniente pronunciar algumas palavras de dó acerca das roupas interiores da mulher:

— Coitada! dissemos. Então ela anda sem camisa?

— Anda. Tanto em casa como na rua. Mas não se importa.

«Como é coisa que não se vê...»

Depois, arrependido pela inconfidência:

— Guarda segredo, hein? Olha que mais ninguém sabe que minha mulher é tão pobre de roupas brancas senão ela, eu e agora tu.

— Vai descansado, homem.

Ora, calhou n'aquele mesmo dia irmos dar um passeio a Palhavã a fim de assistirmos a um torneio de «football», por sinal que é um espectáculo saudavel, um «sports» que muito en-

rija os musculos e que n'aquella tarde sómente causou a fractura de seis tibias, que nós taibamos.

Ali encontramos o «X», também muito nosso amigo, com quem pegámos logo de conversa e como ainda tínhamos frescas as palavras do «P», contámos-lhe os assados em que este se encontrava para ir disfarçado aos bailes de mascarar—sem aludir, é claro, ao guarda-roupa feminino lá da casa.

Ao principio não se lembrava de quem era o «P». Demos-lhe os sinais:

— E' um alto, magro, moreno.

— Não me recordo.

— Homem! usa bigode e pera...

— Por mais que faça...

— Traz sempre fato castanho, botas amarelas cambadas...

— Profissão?

— E' official d'um ministerio.

O «X» batendo na testa:

— Ah! já sei! E' um sujeito casado com uma mulher que não usa camisa, não é?

Caimos das nuvens. Ainda hoje não conseguimos saber como o «X» descobriu tão intima particularidade!

J. Neutral.

Que sorte!

Ha pessoas com muita sorte! Uma pelo menos, conhecemos nós, que nasceu n'um folo: o sr. Cunha Leal. Imagine-se que havia imprensa a valer, a que estaria estas horas reduzido, moralmente falando, o sr. ministro das finanças! Assim, aguenta-se, diz o que quer, faz o que quer e como só através de dois órgãos as suas vozes e façanhas chegam, sem resonancia, ao conhecimento do publico, mal se dá pela existencia de pessoa ainda ha pouco tão discutida.

Reconhecer-se-ha, afinal, que a im-



pressão não vale de nada ou, pelo contrario, avoluma demasiadamente as pessoas e as coisas, apresentando-as com formas e aspectos falsos?

Será um o sr. Cunha Leal com imprensa—o feroz—e outro sem ella—o manso?

Tudo concorre para o descrédito da imprensa, digam o que disserem. Pois n'um paiz onde se não sabe ler para que diabo servirá ella?

Armas terriveis

Uma noite d'estas (ao que narram os numerosos jornais de Lisboa) a policia fez uma rusga, apreendendo grande numero d'armas, entre ellas... um garfo.

Não sabíamos que o garfo era arma e muito menos proibida. Vá lá a gente fiar-se em alguém! Um garfo, um simples utensilio que até agora servia apenas para espetar um naco de carne ou outra qualquer comida, elevado á categoria de navalha de ponta e mola—é um cumulo! Emfim, todas as precau-



ções são poucas nos tempos que vão correndo e não nos admiraremos quando virmos nas occorncias das ruas noticias n'este teor:

«Tentou hontem suicidar-se, enterando uma colher na boca do estomago, o sr...»

«Esta manhã deu-se um acontecimento deveras tragico na rua... predio n.º... O sr... surpreendeu a esposa com o amante e cravou no coração do sedutor uma rolha de cortiça. A victima faleceu instantaneamente.»

«Deu-se ante-hontem uma grave desordem em Braço de Prata, ficando feridas varias pessoas, entre ellas o sr... a quem F... abriu a cabeça com uma folha de papel mata-moscas...»

Torre de Chifre

AS VIOLETAS

Espreitam todas modestas Entre as hervas dos quintais Nas alamedas das florestas, Entre as pequenas giestas,

No seio dos pinheirais. Nenhuma d'elas é orgulhosa E bem se podia orgulhar Tanto ou mais do que a rosa,

Do que a dália formosa Nos jardins a brilhar. Com elas fazem-se raminhos E que suave é seu cheiro

Que até atraí os passarinhos Que pede apenas carinhos Do poeta verdadeiro! Algumas na minha horta

Nasceram expontaneamente. O' ninguém! ninguém as corta! Porque uma violeta morta E' assassinar um inocente!

MARIA CANDIDA



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa.

Al Jasus que grande desgrasia acuseu cabado paçado nu triato nasslonal. Oivi lá alumiar que dênos as tardias gueregas nunca se viu uma coisa acim tan orrvile! Vou te ispicar pouco mais ó menos. A D. O'gusta Curdeiro casou com u Iduardo Rapouso i istás a ver que um curdeiro i um rapouso nan pudiam fazer vóa liga; a O'gusta tem um jenio que intó pairesse u Cunha Lial i tem tamem um filho que arrespêto de jenio cai á mã nanja ó pal, cujo filho é u Albuquerque que istá de casa i pucarinho com a Laura Crus i ela já tem de êle um filho fêto de trapos que nunca xora i u Albuquerque tamem quer casar cum a Palmíria Torres cuja esta quer casar cum u Freitas i viso verço. O Albuquerque dále u jenio nu fim do prumêro ato, agarra n'uma ispingarda, apunta ó Freitas i mata u pai Rapouso:—Al filho que mataste lo tê pai! grita a Curdeiro i cai u pasto.

Nu cigundo ato istão toudos de luto mas ninguem xora a morte do Rapouso inceto a Palmíria que nan le era nada mais da auga nim du sal. I val dalm u Albuquerque cempre cu a tineta de casar cum a Palmíria, porque predeu á batota na perai da Zanaré i a caxopa istá pra arreseber 300 libras do brasil pella ajensia financial que ce calhar nan le xegam cá nim desasseis mel réis. A Palmíria continua a crer u Freitas i viso verça i nu fim do cigundo ato dois omes pur conta do Albuquerque rapetam i prantam um lerso na boca da Palmíria i levam a ditã apurvelando a incasião in que ela istá a ver paçar a purcissão i touda a jente a cantar o Nume de Maria tan bunito é.

Trezeiro ato. N'um palheiro toudo alagado istá incraserada a Palmíria que cumo leu aquela istoira du jajum do lorde de Corque tamem nan quer cumer. Entra a Laura cum u caxopo ó péto i tal cim cinhora nan desgrasse u Albuquerque; nisto entra a mã Curdeiro eguidada pello Freitas á um grande carilho i ós pois vem u juiz de paz mailos cabos de pulissa buscar u Albuquerque porque u prior tinha ditto que elle tinha rapetado a Palmíria, e Palmíria diz que não i ai fica u Freitas toudo iscamado a xamar numos felos á Palmíria que nan faz cenão termellar i istá cum uma cara mais branca qui u papel. Vamos pró quarto. A Laura istá lá, a metter a roupa da Palmíria nu xoto porque ella vai inté que infim casar cu Freitas porque já istão bem. A Laura tem cêde i vai pra beber uma xásada ca patiffa da Curdeiro preparou prá Palmíria. Flizmente bebe um puero d'auga d'um cantro. Entra u Albuquerque xeio de pó i cum munto çangue nu pescosso. Que flixeste, ó maroto? Mattei u Freitas, diz u Albuquerque. I cumo istá cum cêde bebe a xásada que era prá Palmíria i que é um grandeisissimo veneno.—O'nha mã! grita elle ós pois! istou cum as intranhas a arder! Entra a Curdeiro.—Sê se foi du xá! diz u filho da mã á mã du filho. Ah! ah! ah! diz a Curdeiro a rir i fica logo ali doidinha de toudo acim cumo caxe toudos us ispetadores, mas flizmente entra u prior resa-

EM FOCO

Amelia Guimarães Vilar

(Autora do livro «O meu rosario»)

*Passei as cartas d'ele, com receio
De as manchar com meus dedos; entendi-as:*

*Padre-nossos contem e Avé-Marias
D'um leve balbucio e casto enleio...*

*Tentei resa-lo, mas em vão! Deixe-o
E as minhas pobres mãos penderam, frias...
Cobrem o templo abobadas sombrias,
Já o ceu não diviso e já descreio...*

*«O meu rosario»... Quem me dera havê-lo
Nas horas em que eu tinha confiança,
De lindo sonho e não de pesadêlo!*

*Hoje, á primeira Gloria a mente cança,
Lábios imoveis, que m'os cerra o gelo...
Resas d'amôr não sei resar, criança!*

BELMIRO



o responso ó Albuquerque i diz cu Freitas nan murreu porque a facada nan foi ben nu curasão i touda a facada tem cura nan xigando ó curasão. Cal u pano, á palmas ó otor que é u Gaio i que fica toudo contente porque vai fazer outra fitta cumo fez cum u condenado i cempre áde aver quem vá na fitta i cum isto nan te infado mais porque esta já istá istença i intão muntas alimbransas a touda a ubrigassão i coldades du têu du curasão inté cando deus noço sinhor quixer.

Jerolmo,

Emprezario do Paulteama de Peras Rulvas.

A mulher no presente e no futuro

Pedimos venia á sr.^a D. Laura Maranhão Sobral para d'scordarmos d'alguns pontos da interessante conferencia que fez ha dias no Ateneu Commercial, com o tema acima indicado.

Disse, por exemplo, que «a mulher no presente é o instrumento docil e inconsciente dos caprichos masculinos» quando a inversa é que é verdadeira. Onde ha homem que resista a caprichos d'uma mulher, se ella sabe—desculpe-se-nos o prosaico da frase—levar a agua ao seu moinho?

Chamon-lhe «vitima submissa e indefesa da tirania», quando a verdade é que ninguem a tiranisa e basta contraria-la para ella se não submeter e para se defender com unhas e dentes, ou, o que é peor e mais eficaz, com um simples sorriso. Vitimas...

E' certo que se dá ares de vitima muitas vezes, mas é para melhor tiranisar o homem...

A'cerca da mulher no futuro é que, a julgar pelos extratos da exigua imprensa que temos agora, pouco disse ou nada. Pois vamos nós dizer: a con-

tinuar como até aqui a mulher no futuro apparecerá decotada até á barriga e, a contar debaixo para cima, descoberta até ao quadril, o que, bem se sabe, a tornará mais suportavel ao homem que lhe pagar as «toilettes», mas que deve ser origem de muitas pneumonias, e necessariamente prejudicial para quem queira ser boa mãe, boa esposa e boa filha, porque os medicos e os boticarios levam coiro e cabelo.

O de maior circulação

Quem tem andado contente como um rato com a grêve da imprensa jornalística é o nosso eminente colega «Diario do Governo». Não oculta a sua alegria, porque é hoje, sem sombra de duvida, o jornal de maior circulação do país. Pessoas que não o conheciam se não do nome, atendendo á falta d'ou-

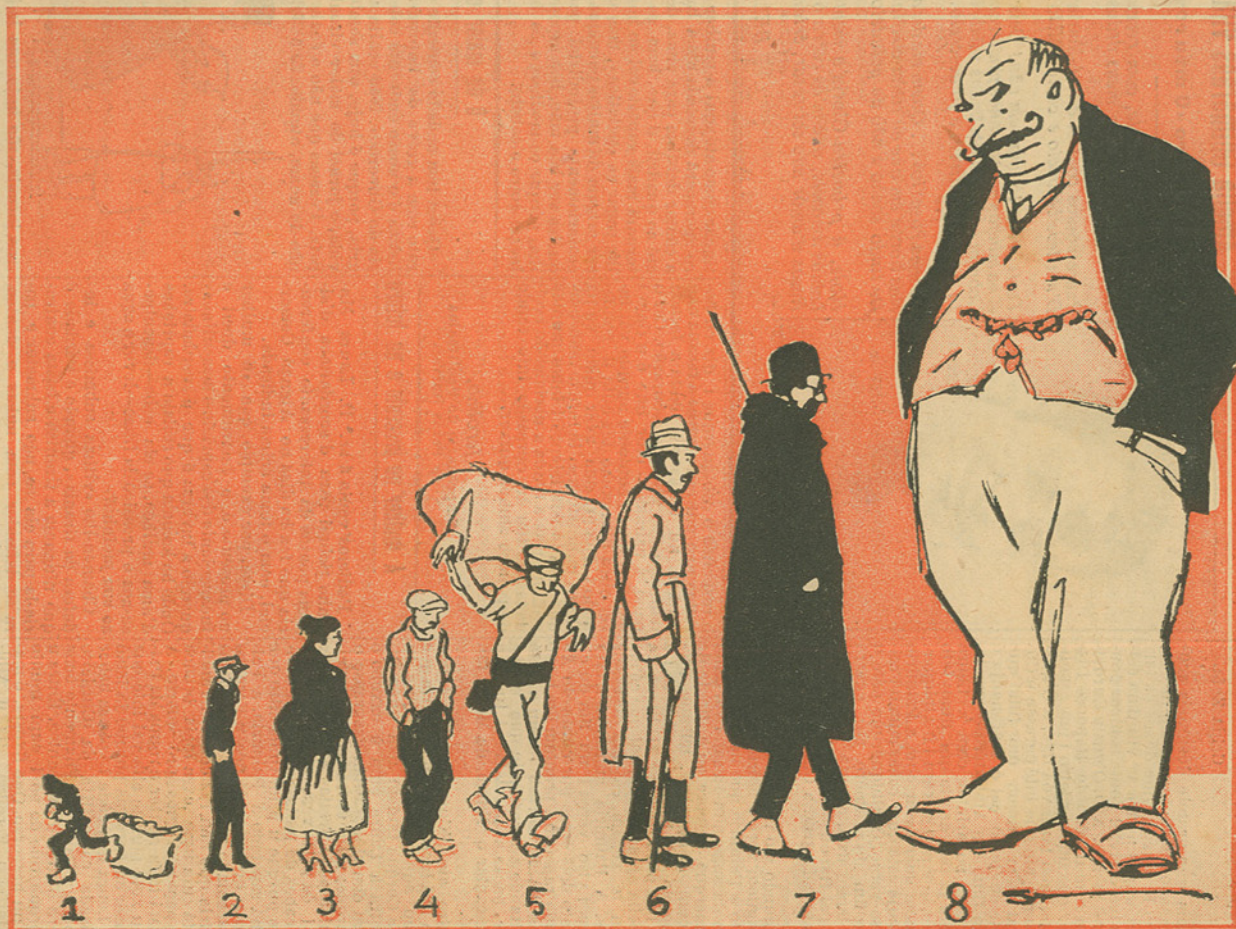


tros jornais, são hoje nus leitores assíduos.

Em vista do exito que tem tido, o simpatico órgão vai meter folhetins, charadas, uma secção de modas, etc. etc.

Parece que o Juca e o Zecas estão dispostos tambem a colaborar, oferecendo-lhe as snas interessantissimas fitas.

ESTUDO COMPARATIVO (Segundo a importancia do delito)



1 O facinora que rouba um pão.—2 O patife do conto do vigário.—3 A desavergonhada gatuna de forasteiros.—4 O ladrão vitrinário.—5 O freguês que não pesa o pão.—6 O sr. das gutas das substancias.—7 Sua ex.ª, o que se alcança.—8 O abastado açambarcador.